

O Brasil do primeiro reinado

Gilberto Ferrez

Há dois anos com a publicação do **O mais belo panorama do Rio de Janeiro** (1825), editado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, alertávamos a nação para a obra de um notável explorador, naturalista e extraordinário pintor inglês, completamente desconhecido, mesmo dos botânicos e historiadores do Brasil, não obstante ter viajado extensamente pelo país durante quase 5 anos.

Este panorama do Rio de Janeiro, executado primorosamente nos seus mínimos detalhes, com perspectiva correta, bastava para colocar o seu autor entre os melhores artistas que perambularam o Brasil no primeiro quartel do século passado, como sejam: Thomas Ender, Jean Baptiste Debret, Charles Landseer e Johan Moritz Rugendas que foram, sem dúvida, os que mais extensivamente e acuradamente retrataram as nossas cidades, os tipos raciais, a flora e fauna.

Antes de mais nada é preciso assinalar, que o seu autor era um botânico e profundo observador da natureza in loco e não de laboratório; tudo executava imbuído de um espírito científico, com detalhes espantosos e verídicos, sem medir esforços. Viajava sem auxiliares e por conta própria, sempre aprendendo e falando a língua do país visitado. Foi o protótipo do cientista-explorador — naturalista — artista daquela época.

William John Burchell é nome consagrado na Inglaterra, Sta. Helena e África do Sul e agora será certamente reconhecido e integrado entre os maiores naturalistas e desenhistas que aqui procuraram desvendar e divulgar aspectos brasileiros.

Com efeito, graças ao interesse que a nossa publicação despertou, o ministro da Republica Sul Africana, o senhor do Plooy, prontificou-se obter cópias dos desenhos e aquarelas existentes naquele país e organizar, no Rio de Janeiro e São Paulo, uma exposição das pinturas feitas por Burchell na sua fabulosa viagem ao Rio de Janeiro — Minas Gerais — Santos — Cubatão — São Paulo — Goiás — Belém, deixando-nos 260 desenhos do mais alto valor histórico e arquitetônico, já que a maioria são de aspectos de cidades e lugares e tão somente 33 de botânica e zoologia.

Ao leitor interessado ocorrerá logo a pergunta — "como tudo isto passou despercebido durante 150 anos e só agora será revelado?" Os fatos não estão ainda de todo conhecidos mas já podemos esboçar alguns pontos graças ao trabalho de Mrs. Helen M. McKay in "William John Burchell, Botanist" — in *The Journal of South Africa Botany*, números janeiro, abril, julho e outubro de 1941.

William John Burchell nasceu na Inglaterra, em Fulham, próximo a Londres. O seu pai, Matthew Burchell era proprietário do conhecido *Hortus de Fulham*; daí sua natural inclinação aos estudos botânicos, desde menino de quatorze anos. Teve apromorada educação e em 1803 foi aceito como membro da Linnean Society, de Londres. Em 1805 partiu para a Ilha de Santa Helena, onde foi nomeado professor e diretor do Jardim Botânico que criou. Em 1810 deixou Santa Helena seguindo para a cidade do Cabo onde se preparou para uma longa expedição pelo interior. Aprendeu para isto a língua do país. De 1811 a 1815, vencendo dificuldades e até arriscando a vida, conseguiu viajar 4.500 milhas numa vasta região inexplorada da União Sul Africana, guiado apenas por alguns nativos, que volta e meia o abandonavam. Fez tudo isto pelo puro prazer de explorar e adquirir conhecimentos que fossem úteis aos seus semelhantes.

Desta viagem resultou o seu *Travels in the Interior of Southern Africa* — Londres, 1822 e 1824.

Em 1815 estava de volta à Inglaterra onde conheceu e tornou-se amigo de outro botânico, William Swainson (1789-1855). Este planejava explorar o interior da África do Sul porém, diante do vultoso da obra de Burchell (63.000 espécimens naturais, 500 desenhos e grande numero de observações astronômicas e meteorológicas) desistiu, preferindo então o Brasil.

Fato curioso é que Swainson pretendia percorrer demoradamente o interior do Brasil, mas como ao chegar ao Recife reventara a Revolução Pernambucana de 1817, não obteve a permissão necessária e seguiu viagem para Salvador e Rio de Janeiro. Mais tarde, seria o próprio Burchell que levaria avante o projeto inicial de Swainson, entusiasmado com o que o amigo lhe descrevera ao voltar.

Burchell, na Inglaterra, continuou seus estudos e pesquisas, pôs o material coletado na África em ordem, publicou o livro citado acima e tornou-se conhecido e respeitado nos meios científicos.

Influenciado por Swainson resolveu conhecer o Brasil e obteve licença para embarcar juntamente com a missão de Sir Charles Stuart, que veio ao Rio negociar o reconhecimento da independência do Brasil. Sir Charles trazia em sua comitiva seis secretários e conselheiros de legação e dez criados. Nesta missão veio outro desenhista de mérito Charles Landseer, que deixou uma obra pictórica do Rio de Janeiro e arredores tão importante e tão fiel quanto as de Debret e Thomaz Ender e que, infelizmente, ainda está inédita.

Esta missão embarcou no navio *Wellesley*, que partiu de Portsmouth a 15 de março de 1825. De-teve-se por dois meses em Lisboa, onde Burchell aproveitou o tempo para botanizar, aprender a língua portuguesa e pintar.

Aportou ao Rio de Janeiro no dia 18 de julho de 1825. (1).

Dias depois, em 14 de agosto de 1825, escrevia a R. A. Salisbury, como se pode ver na carta manuscrita conservada nos arquivos do Linnean Society, de Londres: "Estava certamente muito enganado ao imaginar, na Inglaterra, o que seria pertencer ao séquito de uma embaixada; porém agora estou na América do Sul e tenho, pelo menos, a satisfação de encontrar a natureza, sob todos os seus aspectos, sempre interessante. Quanto às riquezas botânicas deste país (o pouco que já vi), você não pode fazer uma idéia adequada, mesmo imaginando todas as magníficas plantas de nossas estufas crescendo livremente e cobrindo montanhas e vales na sua maxima exuberancia. No Cabo da Boa Esperança você passaria por uma estufa profusamente provida; aqui você passaria numa das maiores estufas da Natureza. Montanhas, penhascos, florestas, riachos e plantas, de formas as mais exóticas, se entrelaçam da maneira a mais pitoresca e tentam-nos, muitas vezes, a deixar a História Natural pela Pintura".

Até o presente momento não foram descobertos os *Diários* e *Notas* da viagem de Burchell ao Brasil. O que se sabe desta extraordinária expedição é através de algumas cartas escritas a amigos e a seu pai, (2) e os nove volumes do seu *Catalogus Geographicus Brasiliensis* e a fabulosa coleção de desenhos que podem ser resumidos no seguinte quadro:

Lisboa e Cintra	14 desenhos
Madeira	4 desenhos
Tenenife	10 desenhos
Viagem até o Rio	13 desenhos
Rio de Janeiro	32 desenhos
e um grande panorama de 8 folhas	
Viagem pelo caminho das Minas	
Gerais via Inhomirim — Mandioca	
— Estrêla até Paraíba do Sul . .	27 desenhos
Santos — São Vicente	26 desenhos
Cubatão	12 desenhos
São Paulo e arredores	10 desenhos
São Paulo para Goiás (Via Jundiaí-Campinas — Mogi-Retiro — Franca — Rio Grande — Bom Fim — Meiaponte — Corrego Jaraguá) . . .	10 desenhos
Goiás (antiga Vila Boa)	12 desenhos
e 2 grandes panoramas de 2 folhas cada	
Goiás para Belém (via Tocantins — Porto Nacional — rio Araguay) .	30 desenhos
Belém	10 desenhos
e 1 grande panorama que está desaparecido.	

Demorando no Rio de Janeiro, de julho de 1825 a setembro de 1826, fez neste período uma pequena viagem a Minas Gerais, em novembro, e outra à Serra dos Orgãos, à fazenda Santa Ana do Paquetaer, de George March, então o dono da futura Teresópolis.

Em novembro de 1825, por intermédio de outro membro da missão Stuart que voltava à Inglaterra, enviou o primeiro material coletado, assim como vários desenhos.

Ao partir do Rio de Janeiro, Burchell escreveu à irmã comunicando que já sabia mais português do que holandês ao iniciar a viagem da cidade do Cabo para o interior, e que as coleções, observações e desenhos já eram o dobro dos que fizera naquela cidade. Dizia assim, que os oito meses passados no Rio de Janeiro não haviam sido de todo improficuos. Noutra carta, esta para o pai, um mês antes de partir, dizia: "Minha pretendida viagem parece ter despertado grande interesse entre os europeus daqui; porém, os letrados brasileiros não tomam conhecimento dela". (3) Pretendia alcançar o Peru via São Paulo, Goiás e Chusibá. Lá exploraria as antiguidades Incas na margens do Títlica, para depois alcançar Lima e voltar por Buenos Aires.

Aportou em Santos no dia 12 de setembro de 1826, onde se demorou quatro meses explorando toda a redondeza. Em Cubatão, morando numa cabana solitária, no meio da floresta, permaneceu 90 dias, — explorando e estudando a fundo a Serra do Mar. Alcançou São Paulo em janeiro de 1827, onde viveu durante sete meses, numa casa alugada (não existiam hotéis), viajando toda a região dos arredores da cidade. Dall seguiu viagem para Goiás, que alcançou em novembro de 1827, onde, em virtude das chuvas de verão, ficou nove meses. Foi o primeiro inglês a visitar essa provincia. Dela existe uma carta escrita em 25 de abril de 1828.

"Nestes cinco meses fiz uma série de observações. A parte botânica de minhas coleções já inclui mais de 5.000 espécies e o ultimo numero do meu *Catalogus Geographicus Brasiliensis* é 7.063. A parte Entomológica é oito ou nove vezes maior do que era a minha coleção africana e todos os outros departamentos são consideráveis, exceto a Mamalia e Peixes" (4).

Noutra carta para Sir W. J. Hooker, observa: "Neste país de letrados, não se encontra ninguém que se interesse por ciências. Aqui a natureza muito fez — o homem, nada; aqui ela lhe oferece inumeros objetos para admiração e estudo, e no entanto, ele continua vegetando no negrume da ignorancia e em extrema pobreza, devido unicamente à preguiça" (5).

Recebendo notícias de que seu pai estava passando mal, modificou, então, seus planos, resolvendo prosseguir diretamente de Goiás ao Pará.

Continuando a viagem para o Norte, chegou a Porto-Real (Porto Nacional) a 14 de novembro de 1828, onde aguardou ocasião propicia para embarcar e descer o Tocantins, a fim avistar o Pará, em junho de 1829, onde só conseguiu navio para a Inglaterra em fevereiro do ano seguinte, levando uma coleção de 7.200 espécies de plantas coletadas e descritas por ele no Brasil, e que o herbarium ocupava 132 volumes, nada se tendo perdido durante essa enorme viagem!

O seu *Catalogus Geographicus Brasiliensis*, consiste de nove volumes e está guardado na Biblioteca do Herbario no Royal Botanic Gardens de Kew (6).

De sua cidade natal, Fulham, escreveu uma carta em outubro de 1830, dando uma visão panorâmica dos vegetais no Brasil e donde extraiamos este trecho: "Espero em breve poder iniciar o grande e interessante trabalho de pôr em ordem a minha coleção. Agora possuo 15.000 espécies de plantas coletadas por mim nos seus habitat, em várias partes do mundo". E mais adiante: "Estas florestas (Sul Africanas), são na verdade de somenos, se comparadas às da América; porém apresentam ao artista espécimens geralmente cenas silvestres belas e graciosas, apesar de geralmente serem em menor numero as esplêndidas e nobres palmeiras. Quando se desce às baixas latitudes do Brasil, a magnificência estupeiada da floresta é realmente espantosa, e somente aqueles que nascem no seu meio podem apreciar, sem sentimento de medo e respeito, tão imponente produção da natureza. A Bertholletia e algumas espécies de Bombax ultrapassam, facilmente, suas irmãs vegetais; e os troncos da ultima são realmente fabulosos em altura e grossura. Nada digo das trepadeiras, pois têm sido muito descritas ultimamente, porém nunca podemos silenciar quanto às palmeiras. Sua abundancia é tal que nenhum viajante pode fazer uma idéia. São de todos os tamanhos, de uma planta herbácea comum até às mais altas árvores da floresta. Penso, entretanto, que nenhuma bate o Buriti ou Miriti (Mauritia vinifera, Mart. tab. 38) em grandiosidade e imponente beleza." (7).

Foi tal o trabalho de estudar e preparar todo este incrível material que não teve tempo de

publicá-lo. Mas o que o tornou um desconhecido no Brasil foi que o *Diário (Brazilian Journals)* de sua viagem, que enchia três grossos volumes na sua letra característica e miúda, está perdido até hoje. Com ajuda do Ministro da Africa do Sul no Brasil (o Sr. Duplooy) estamos procurando achá-lo na Inglaterra.

Os 260 desenhos a lapis, algumas vezes aquarelados, atualmente existentes na Coleção Gubilins, da Biblioteca da Universidade de Witwatersrand, de Johannesburg, foram adquiridos num leilão em Londres, pelo Governo da Africa do Sul, já que tudo que produziu Burchell é ali tido do mais alto valor. Quem herdou a maioria das coleções de desenhos de Burchell foi uma irmã que as legou a um sobrinho, filho do irmão cingês, Dr. James Burchell, que também imigrou para a Africa do Sul em 1820. Em mãos de outros descendentes (família Davies) existem atualmente uns poucos.

Quem primeiro viu parte deste valioso acervo em Johannesburg e nos alertou trazendo negativos do panorama circular da cidade do Rio de Janeiro, foi o nosso colega do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Marcos Carneiro de Mendonça, em 1960.

Como já frisamos, nada escapou aos olhos de William John Burchell.

A sua obra mostra de relance que adorava os detalhes arquitetônicos podendo-se até reconhecer os materiais e tipos das construções que retratou. Suas perspectivas são perfeitas assim como as proporções das construções desde as mais elaboradas às mais singelas. A importância transcendente de toda esta extraordinária documentação iconográfica, única na vasta coleção brasileira, é tornar visualmente patente que em todo o país, nas cidades litorâneas assim como nos mais distantes lugares do interior do país, existia uma unidade arquitetônica do padrão luso-brasileiro aquela que, segundo as belas palavras do mestre Paulo Santos, "usou de uma linguagem direta e simples, desprovida de qualquer sofisticação ou subjetividade na procura estética. Uma atmosfera de tranquilidade dentro e fora da casa era a nota dominante dessa arquitetura, feita de silêncios, a que a coloração das janelas e portas (verde, azul, ocre, vinho), destacada contra o fundo branco da parede caiada, produzida, pelo contraste, discreta vibração, que não chegava a perturbar aquela atmosfera..." (8). Aqui vemos a harmonia das construções de então não só nas casas, individualmente, mas, o que é bem mais importante, no conjunto da cidade toda; nada distoa o olho. Não precisamos acentuar que todos estes desenhos executados entre 1825 e 1829 representam a arquitetura luso-brasileira da última metade do século XVIII o que ainda mais o valoriza quanto a importância histórica para o estudo da arquitetura no país. A preocupação de Burchell quanto aos detalhes é tal que na maioria das estampas, especialmente quando há vistas panorâmicas, marca ao longo do desenho os graus o que permite, no local, identificar cor-



Mosteiro de S. Bento em Santos (Burchell)

retamente a posição em que o desenho foi feito. Tudo vai indicado por números ou letras que certamente devem estar indicados no seu *Diário de Viagem*.

Ninguém jamais nos legou desenhos de cidades, arraiais, vilarejos interiores tão artísticos e ao mesmo tempo tão fotográficos: no litoral, no interior e alto sertão, nada passa-lhe desapercibido: os grandes beirais com seus *cachorros* de madeira, os tipos de cimbalhas, as janelas de rótulas ou muxarabis, com ombreiras de madeira, as portas almofadadas das igrejas, os cunhais de pedra, o calçamento, os tipos de telhados de linha doce graças a um *ponto* baixo e quebra na terça, as varandas, os alpendres, etc. Esmerou-se em mostrar o tipo dos materiais empregados nas construções se de cantaria, tijolo, taipa de mão ou de pilão; os guarda-corpos das sacadas de ferro ou de treliças, em fim, é manancial fabuloso para os arquitetos de toda uma enorme área do interior brasileiro percorrido pela primeira vez por um cientista inglês há 150 anos.

Os seus desenhos de Santos, São Paulo, Goiás e arredores são absolutamente preciosos e únicos na vasta iconografia brasileira e capital para o estudo definitivo da história da arquitetura brasileira, ainda por escrever.

Outra particularidade e, cousa raríssima entre os estrangeiros que aqui andaram, é a sua grafia correta dos nomes dos lugares e edifícios.

1) Vide os jornais da época: *O Diário do Rio de Janeiro*, o *Spectador Brasileiro*, o *Diário Mercantil* e *Diário Fluminense*, nos dias 15 e 16 de julho de 1825, na Biblioteca Nacional. Os desenhos de Charles Landseer, tão importantes quanto os de Debret, Ender e Rugendas, e de propriedade de Cândido de Paula Machado, estão sendo, estudados para publicação.

2) Mrs. Helen M. McKay — "William John Burchell, Botanist" in *The Journal of South African Botany* n.º de janeiro, abril, julho e outubro de 1941 e donde extraímos as informações acima, que nos foram gentilmente oferecidas pela University of the Witwatersrand de Johannesburg. Ver também a biografia de Burchell no *Dictionary of National Biography* — p. 290/91.

3) Mrs. Helen M. McKay — "William John Burchell, Botanist" in *The Journal of South African Botany*, de julho 1941, p. 122 a 125.

4) Hooker, Sir W. J. In *Botanical Miscellany* — Vol. II, p. 128/129.

5) Ibid.

6) Hooker, Sir W. J. — *Letters MSS.* vol LXVI, n.º 17. New e Hooker, Sir W. J. — in *Botanical Miscellany*, vol. II, p. 130.

7) Hooker, Sir W. J. — in *Botanical Miscellany*, Vol. II p. 130 a 133. — (1831).

8) Santos, Paulo — "Quatro Séculos de Arquitetura na cidade do Rio de Janeiro" in *Quatro Séculos de Cultura* — Rio 1966, p. 66.



Marinha do Porto de Santos (Burchell)